

DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO DE MUSEUS

MICHELI MARTINS AFONSO¹; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES²;
MARIA ARJONILLA ALVAREZ³; KAREN VELLEDA CALDAS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – mimafons@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

³Universidad de Sevilla - maar@us.es

⁴Universidade Federal de Pelotas – caldaskaren@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto é parte da pesquisa de tese de doutorado que está sendo realizada junto ao programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL/BR) e junto ao Programa de Doutorado em Arte e Patrimônio (US/ES) em regime de cotutela. A pesquisa foi financiada pela CAPES, a partir de edital de doutorado Sanduíche.

Grande parte dos museus trabalha diariamente com recursos reduzidos, no que tange ao orçamento, para encontrar soluções “adequadas¹” de conservação. No caso do problema proposto por esta pesquisa, o questionamento surge sobre a não aplicação, de maneira satisfatória e eficiente, de uma metodologia que não depende exclusivamente de questões orçamentárias para o seu desenvolvimento. O déficit em recursos técnicos e humanos também é apontado como causas para as lacunas, no que concerne a conservação. As instituições museológicas avançam em direção a uma postura teórico/científica interdisciplinar, transformando o museu em um espaço de pesquisa, ciência, arte e patrimônio. Entretanto, grande parte delas, levando em consideração o contexto Brasil e Espanha, ainda caminha a passos curtos no que tange a aplicação prática e efetiva da metodologia de gestão de riscos.

Brasil e na Espanha buscam meios de incentivar e implementar em suas instituições de guarda sistemas que facilitem a conservação do seu patrimônio. Nos dois países, algumas instituições já possuem planejamentos e previsões para o estabelecimento da metodologia de gestão de riscos, algumas outras estão em processo de elaboração, mas a aplicação prática dessa ferramenta ainda faz parte das metas da grande maioria dos museus.

2. METODOLOGIA

A pesquisa tem um caráter qualitativo, sendo que a metodologia empregada é baseada em uma revisão bibliográfica sobre o tema gestão de riscos para o patrimônio cultural, buscando entender quais são os teóricos mais expressivos e utilizados pelas instituições museais de Brasil e Espanha. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com profissionais que trabalham no desenvolvimento dos planos de gestão de riscos em instituições museológicas, no Brasil e na Espanha.

¹ A referência nacional que se tem para gerenciamento de riscos consiste em duas publicações do Instituto Brasileiro de Museus: Programa para a Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro (IBRAM, 2013a) e Gestão de riscos ao patrimônio musealizado brasileiro (IBRAM, 2013b). A primeira publicação indica métodos de detectar e bloquear agentes de riscos a partir da instalação de “detectores de calor e fumaça”, “sensores de movimento ou intrusão”, “climatização de reservas técnicas e salas de exposição”, dentre outros métodos mecânicos, pouco viáveis para a maioria das instituições localizadas em áreas remotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A gestão de riscos é uma metodologia científica interdisciplinar criada para contribuir positiva e significativamente com a política de preservação em instituições museais, a partir de uma análise global e específica do museu, seu acervo e entorno.

La gestión de riesgos constituye una herramienta eficaz para la salvaguarda del patrimonio museológico, su protección y su uso. Se trata de una metodología a través de la cual las instituciones responsables de la custodia de bienes culturales puedan prepararse para evitar su exposición a agentes externos, garantizando su preservación y acceso a la ciudadanía. (ICCROM, 2017, p. 6).

Os primeiros dados da investigação apontam que a metodologia de gestão de riscos ainda está sendo estudada e analisada pelos profissionais que trabalham em instituições museológicas, sendo assim, ainda é uma ferramenta de preservação, pouco aplicada. Durante a pesquisa, foram realizadas visitas e observações *in situ* em instituições de guarda espanholas e brasileiras, fator que ajudou na constatação desta realidade. Além disso, realizaram-se uma série de entrevistas com os profissionais que atuam na conservação de museus espanhóis e brasileiros, com intuito de analisar a realidade institucional e verificar quais eram os obstáculos que poderiam estar impedindo ou dificultando a criação ou aplicação desta metodologia.

A pouca utilização dessas metodologias como ferramenta de conservação faz com que sinistros, que poderiam ser evitados ou mitigados com facilidade, sigam acometendo e danificando o patrimônio cultural mundial. Casos emblemáticos envolvendo o patrimônio cultural surpreenderam a sociedade devido a gravidade dos incidentes. Em setembro de 2018 o Museu Nacional/RJ/BR pegou fogo após um curto circuito que começou no aparelho de ar condicionado localizado no auditório térreo do prédio que tinha três andares². O incidente sucumbiu com o acervo orgânico da instituição e afetou seriamente o restante da coleção. Outro caso de sinistro que poderia ser mitigado caso houvesse a aplicação prática da gestão de riscos é o sinistro que envolveu o Museu das Missões/IBRAM, em 2016. Esta instituição brasileira foi atingida por um tornado de pequenas proporções. O evento danificou parte da imaginária sacra que o museu conserva, além de destruir parte das instalações físicas do seu edifício. Estes são apenas dois exemplos recentes de incidentes que acometeram museus brasileiros. Dados que são averiguados devido a gravidade das circunstâncias e a repercussão que tiveram em nível nacional, já que se observa que na maioria das vezes os sinistros não são computados ou nem se quer registrados.

Um dos resultados desta pesquisa diz respeito a importância de registrar, disponibilizar e facilitar o acesso sobre os incidentes e as situações de emergências que podem envolver os museus. Neste sentido, é fundamental que se crie uma cultura institucional que documente os pequenos incidentes como goteiras no teto de uma sala de exposição, por exemplo, que podem acontecer após tempestades, mas também reportar sobre eventos de grandes proporções, e

² Fonte: Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/04/policia-federal-divulga-laudo-de-incendio-que-destruiu-o-museu-nacional-no-rio.ghml>>. Acesso em: 12/08/2020.

que podem gerar danos irreversíveis ao acervo, como é o caso de uma ameaça de inundação ou de incêndio.

Las emergencias, caracterizadas por ser imprevisibles, siempre han ocurrido y seguirán ocurriendo[...]. De ahí la necesidad innegable de estar preparados para lo que venga, porque no es cierto que todo esté perdido de antemano. (AZCUTIA et al, 2008, p.7).

A gestão de riscos contribui para a tomada de decisão em relação a conservação. Auxilia os conservadores e gestores patrimoniais na eleição das prioridades de preservação e, desta forma, é mais fácil disponibilizar recursos humanos, técnicos e financeiros. Ainda assim, observa-se que muitos profissionais possuem dificuldades conceituais sobre a matéria, dificultando esta tarefa. É importante que se discuta sobre as possibilidades de gestão que a metodologia proporciona, assim como a dificuldade que os profissionais de museus enfrentam quanto a sua aplicabilidade. Neste sentido, a pesquisa segue estruturada com intuito de responder questões básicas, mas pouco exploradas, que abarcam os obstáculos que impedem a execução deste método.

4. CONCLUSÕES

Pretende-se com este texto fomentar as reflexões sobre a gestão de riscos e a conservação do patrimônio cultural. É uma questão complexa, que envolve fatores culturais e de gestão institucional. Além disso, os desafios para a aplicação desta metodologia também são frutos da falta de recursos humanos, no que tange os profissionais especializados em conservação-restauração, já que, atualmente no Brasil e na Espanha, a profissão do conservador- restaurador (a) ainda não é regulamentada. Essa discussão é premente e pretende-se com a pesquisa disponibilizar aos atores patrimoniais, que lidam diariamente com a conservação dos bens culturais, dados sólidos, que auxiliem na efetivação de sistemas de preservação que auxiliem efetivamente na salvaguarda do patrimônio cultural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZCUTIA, Marta H.; CÁMARA, Encarna H.; GRUSS, Carmen R.; YANGUAS, Marina M.; WORMS, Bárbara C.; JUÁREZ, Joaquim.; et al. **GPPCE. Guia para um plan de protección de colecciones ante emergências**. Ministerio de Cultura. España: Museos Estatales, 2008.

ICCROM - CCI. **Guía de Gestión de Riesgos para el Patrimonio Museológico**. Traducido por Ibermuseus. 2017. Disponível em:<
<http://www.iccrom.org/publication/guide-risk-management-english-version>>. Acesso em: 05 fev 2019.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **ICOM statutes**. Vienna, 2007. Disponível em:
<http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Statuts/statutes_eng.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2018.